

**PERICÁS, LUIZ BERNARDO. *CANSAÇO, A LONGA ESTAÇÃO*. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2012**

por Joana Salém Vasconcelos<sup>1</sup>

*Queria gritar aos céus, mas desconfiava  
que os céus tivessem ficado surdos.*  
(PERICÁS, 2012, p.64)

Em algum lugar do Nordeste brasileiro na virada do século XIX para o XX, no meio de uma agitada festa na Fazenda Alvorada, o magricela José Eleutério rasgou a cara de João Baraúna com um estilete. Foi quando José Eleutério recebeu a alcunha de Punaré, da qual não mais se livrou. Baraúna, temido no povoado pela fama de cruel, foi imobilizado por quatro homens enquanto Punaré escapava na correria. Era briga por mulher. A jovem Cicica, com quem Punaré “só trocara duas palavras” (p. 18), despertou nele sentimentos platônicos e fez surgir uma rivalidade atroz. Baraúna, que havia passado a festa em risadas e aproximações com Cicica, não soube bem por que foi atacado. Prometeu se vingar.

Em *Cansaço, a longa estação*, romance publicado pela Boitempo no início de 2012, o historiador Luiz Bernardo Pericás tece uma sofisticada narrativa ficcional que explora as angústias e fantasias do sertão a partir do triângulo conflituoso formado por Punaré, Baraúna e Cicica. Os três são filhos de famílias de poucas posses, que sofrem com a miséria da seca. Punaré é “caboclo neerlandando”<sup>2</sup> e sonhador; Baraúna, jagunço feio. Os jovens rivais são massacrados pela falta de perspectivas do sertão: trabalho pesado, repetição dos dias, calor abrasante, cansaço sem recompensas, a longa estação sem chuvas. Fazem parte daqueles cuja sobrevivência ocupou o lugar da vida. Na caatinga, “naquela terra onde boi valia mais que gente” (p. 17), a seca vai despedaçando os vínculos sociais. As crianças, cada vez mais vulneráveis, sucumbem a doenças, como ocorreu com os irmãos de Punaré: “ainda se lembrava deles nos caixõezinhos” (p. 32). Os mais velhos estão resignados e solitários. Os mais humildes sofrem a violência dos bandos armados e da polícia. Guerras entre famílias se misturam com disputas de poder entre coronéis. A onda de vinganças percorre o romance como um torvelinho. Alguns apenas se conformam: “o mundo é uma disorde, meu fio. Deixa estar” (p. 23), recomenda o pai de Punaré diante da injustiça.

Mas Punaré quer ser vaqueiro, um sonho modesto e deslumbrado. Sente inveja e entusiasmo diante dos funcionários do coronel Jacinto Borges. Eles andam em grupo, proseiam, viajam a cavalo, cumprem suas missões: são livres. Punaré atravessa sua solidão na companhia do cão Corisco e do boi Deodoro, que “serviam como vínculo ao mundo real, dois

<sup>1</sup> Historiadora (USP) e Mestranda em Desenvolvimento Econômico (UNICAMP).

<sup>2</sup> De *Nederland*. Usado para descrever pessoas de pele, olhos e cabelos mais claros que a população local, indicando remota descendência holandesa (p. 87).

seres de pouca carne e muito osso, palpáveis, que, como ele, se agarravam a qualquer coisa para continuar vivos e de pé” (p. 21). Já Baraúna é um vaqueiro desiludido, que não aguenta mais ver “o gado de Borges comer mais que ele próprio” (p. 64). Depois de viver um trauma familiar se transforma em vingador e, cheio de ódio, vai fazer justiça com as próprias mãos. Afinal, “de que adiantava pedir ajuda aos santos, se o que ele via era só desgraça?” (p. 64).

Pericás ingressa, com este livro, no universo dos romances do sertão, cuja linhagem é canônica e desafiadora (de *Vidas Secas* a *Grande Sertão: veredas*). Soube caminhar neste território literário com originalidade, reverenciando os clássicos, e combinando uma forte veia criativa com o conhecimento científico das tensões internas do Nordeste: dos padrões de violência social às mesclas culturais e crenças populares. Isso porque Pericás é autor do mais importante trabalho histórico sobre o cangaço escrito nos últimos anos: o livro *Os Cangaceiros – ensaio de interpretação histórica* (Boitempo, 2010), fruto de uma vasta pesquisa documental e detalhada busca biográfica dos bandidos profissionais do Nordeste entre 1890 e 1940. Nele, o autor demonstra que o cangaço não era um fenômeno de “banditismo social”, como pensaram alguns intelectuais otimistas, mas uma teia complexa de organizações armadas que combinavam violência hedionda, interesses materiais particulares, favores aos coronéis, valentia e paternalismo.

A partir do ensaio sobre o cangaço e muitas viagens pelo Nordeste, Pericás encontrou a matéria-prima para sua obra de ficção. Assumiu o desafio em alto estilo. O livro conta com um léxico potente, garimpado direto na fonte histórica do falar sertanejo do início do século XX. Um glossário com 430 verbetes ao final do livro revela o alcance linguístico do empreendimento, e demonstra a diversidade do falar português: seus regionalismos, cosmopolitismos, corruptelas e erudições diluídas pelo tempo na oralidade do povo. Pericás ressuscitou palavras e produziu um estudo linguístico-ficcional. O entrelaçamento com o espanhol, por exemplo, se revela em palavras como *perro*, *cuchillo*, *chiste*, *ancho*, *desechado*, *aislado*, *anciano*, *cerdo*, *facha*, *podrida*, *arreglos* – de uso corrente no espanhol atual e em desuso quase absoluto no português do Brasil. Também palavras como ‘*bosse*’ (chefe) mostram uma mescla antiga entre português e inglês. Além disso, o texto revela um conjunto significativo de referências do português sertanejo às mitologias grega, romana, árabe, araucana, celta, hindu e mesopotâmica (Bálíos, Báratro, Cerberino, Estinfálidas, Érebo, Gurmalingo, Harúspice, Itama, Laverna, Leteu, Marduque, Procusto, Quetral, Zacum, Zeríntio, Zígio). Sem falar no diabo, o ente monstruoso que tanto apavora o sertanejo e, ao ameaçá-lo, direciona seu comportamento moral: barzabu, capiroto, carocho, chavelhudo, canheta, cramulhano, demoncho, dialho, fanhoso, febrônio, provinco, tinhoso, tignano, trasgo, zarapelho. Para os amantes das palavras, as 72 páginas de narrativa podem se transformar em muitas horas de descobertas linguísticas.

Pericás transformou a controvérsia em sua estrutura narrativa. O autor expõe duas versões dos mesmos acontecimentos: a primeira com um *zoom* sobre Punaré e a segunda sobre Baraúna. Assim, uma única história se desdobra em duas, abrindo ao leitor uma brecha: quantas versões poderiam ser contadas? Multiplicam-se os mal-entendidos, coincidências, azares e desencontros. Ninguém conhece a totalidade da história. Essa sensação é reforçada pela atmosfera de magia e mentira que rodeia o personagem do veio Simão, golpista que finge ser santo feiticeiro. Mas quantos não acreditam em Simão, já que é preciso acreditar em alguma coisa nessa vida?

A crise da fé sintetiza a desesperança geral retratada no romance. Baraúna acredita na existência do demônio, e já desconfia dos céus. O veio Simão seduz o povo com embustes. Os sertanejos estão carentes de crenças, precisam se apegar aos ditos, pois a realidade é demasiado seca. É preciso acreditar em forças misteriosas para atravessar a repetição dos dias, mesmo que, com o passar do tempo, a fé se torne cada vez mais improvável. Nesse labirinto espinhoso, Punaré e Baraúna depositam todas as suas perspectivas no amor de Cicica e na fuga aventureira. Nada mais pode valer a pena. Contudo, só conquistará a mocinha para buscar uma rota imaginária de escape do cansaço do sertão.

